

# Uma terra de muitas riquezas naturais

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

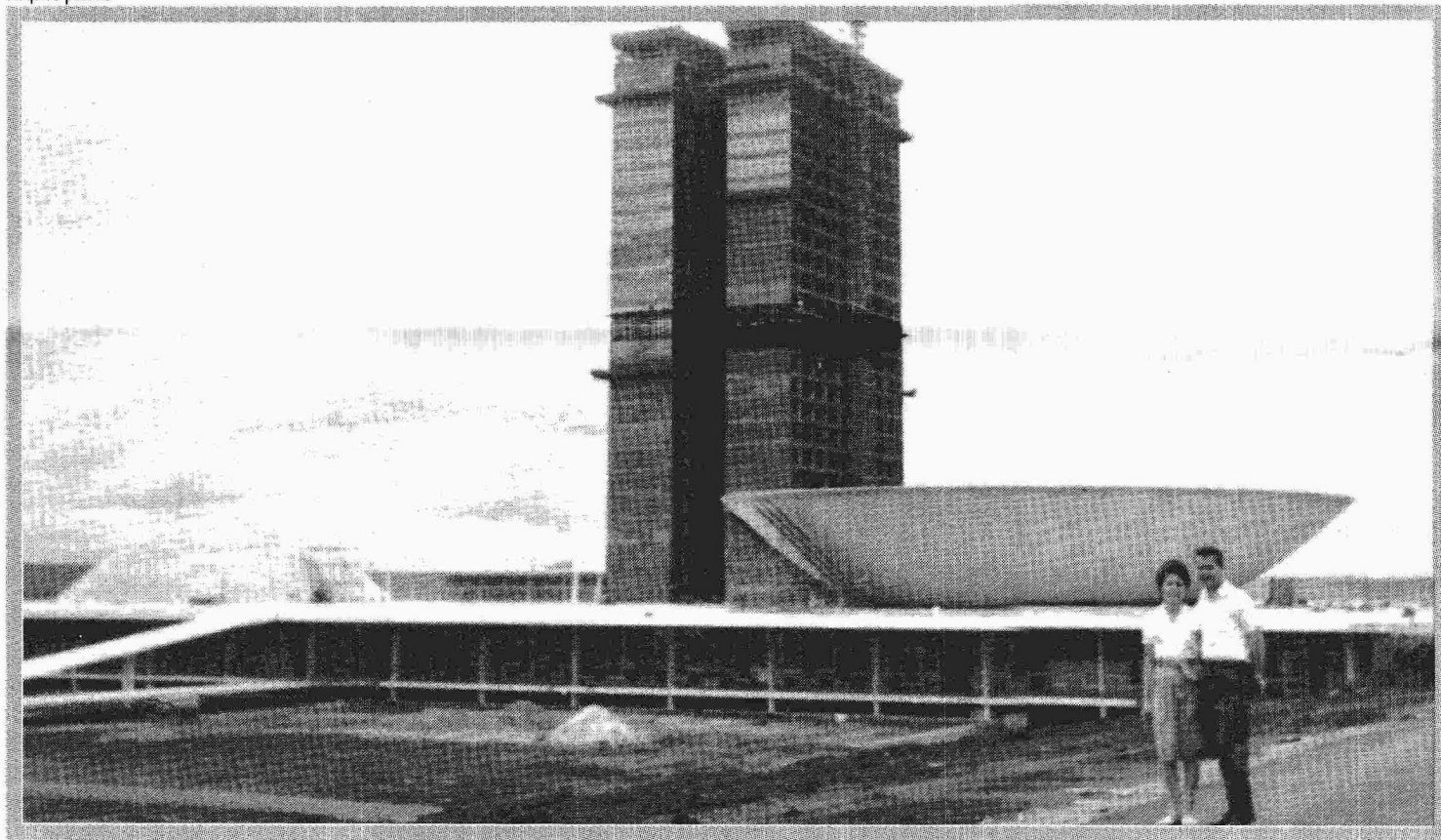
A visita do jovem engenheiro Rubens Milton Pinto a um colega que trabalhava na construção de Brasília no ano de 1958 o deixou impressionado com a imensidão do cerrado e a quantidade de obras na cidade. Uma semana foi tempo suficiente para este mineiro de Pouso Alegre se apaixonar pela nova capital, que, para ele, tinha dimensões comparáveis apenas ao Império Chinês, de tão grandiosa.

Pouco depois de retornar a São Paulo, onde morava desde os oito anos de idade, o funcionário da Secretaria de Ação e Obras do estado descobriu, nos anúncios de jornais daquela época, a chance de trabalhar na obra do século. “Nos anúncios, as construtoras ofereciam empregos com salários dobrados (a famosa *dobradinha*), além de casa e comida de graça”, lembra o pioneiro.

Decidido, em outubro de 1959 estava de malas prontas para fazer a viagem mais importante de sua vida, contra tudo e contra todos. Os colegas achavam um absurdo a atitude de Rubens, que, até então, desfrutava de todas as regalias e direitos concedidos a um funcionário público concursado. “Você está louco? Deixar um emprego bom para se aventurar numa obra incerta?”, diziam os colegas, que, como muitos, também duvidavam da mudança da capital.

Com coragem e disposição, o engenheiro civil, formado pela Es-

Arquivo pessoal



cola Politécnica da Universidade de São Paulo, deixou na cidade a noiva — Beatriz — e a estabilidade no emprego em busca de novos desafios no cerrado brasileiro. “O verdadeiro pioneiro é aquele que ajuda a criar uma nova rota, a construir uma nova cidade, conduzido pelo ideal e o sonho de progresso”, define o desbravador.

Impulsionado pelo sonho de construção da nova capital e da realização profissional, o engenheiro então arregaçou as mangas para dar início às obras no planalto e fazer jus ao título de pioneiro. O novo candango — contratado por uma construtora que prefere manter o nome em sigilo — foi o res-

ponsável pela marcação das fundações da Torre de TV, pela construção das lajes de cobertura dos primeiros ministérios e pelo acabamento interno do prédio da Imprensa Nacional. Era tudo o que ele sempre sonhara: muito trabalho.

“Com a proximidade da inauguração, trabalhávamos dobrado em dois turnos de dez horas cada. A demanda por trabalhadores nessa época era muito grande”, conta Rubens. “O ritmo das obras era frenético e quase nunca parava, pois faltavam apenas seis meses para a inauguração e havia muito para fazer. Eram obras para todo lado — o Congresso Nacional, os ministérios, prédios resi-

denciais para os funcionários, as pavimentações das vias públicas e estradas”, acrescenta.

Para conseguir um emprego melhor que não fosse de ajudante de obras, Rubens conta que os operários improvisavam um martelo na cintura para serem contratados como carpinteiros, “mas eles não levavam jeito, os pregos ficavam tortos e isso era motivo de gozação dos colegas”.

Algumas imagens do início da construção ficaram gravadas na memória deste pioneiro de 71 anos de idade, como as dos operários sendo transportados para as obras em caminhões abertos. “As quedas eram cons-

tantes, porque eles sentavam nas beiradas e muitos se machucavam”, lembra. “Nessa época havia muita reclamação. As mulheres, principalmente, sofriam muito com a falta de estrutura da cidade. Conheci uma família recém-chegada do Rio de Janeiro que sempre reclamava daqui, mas não conseguia ficar nem quinze dias lá e logo já estava de volta a Brasília.”

**RUBENS E BEATRIZ  
ACOMPANHARAM A  
CONSTRUÇÃO DOS  
PRINCIPAIS PRÉDIOS  
DA CIDADE**



Em 1959, o pioneiro largou um emprego estável como funcionário público do estado de São Paulo para se aventurar nas obras de construção da nova capital

DEPOIS DE TANTAS  
AVENTURAS, RUBENS  
HOJE TEM UMA VIDA  
CALMA. DEDICA-SE ÀS  
ARTES PLÁSTICAS E À  
NUMEROSA FAMÍLIA

“  
O RITMO DAS  
OBRAS ERA  
FRENÉTICO E  
QUASE NUNCA  
PARAVA, POIS  
FALTAVAM APENAS  
SEIS MESES PARA  
A INAUGURAÇÃO E  
HAVIA MUITO  
PARA FAZER.  
ERAM OBRAS  
PARA TODO LADO  
— O CONGRESSO  
NACIONAL, OS  
MINISTÉRIOS,  
PRÉDIOS  
RESIDENCIAIS  
PARA OS  
FUNCIONÁRIOS, AS  
PAVIMENTAÇÕES  
DAS VIAS  
PÚBLICAS E  
ESTRADAS”



### Espécies raras

Em pouco tempo o engenheiro mudou de construtora. E em 1962, o bom desempenho nos trabalhos impressionou os funcionários da Embaixada Americana — uma das primeiras a se instalar em Brasília. A fluência no inglês e a autorização do presidente Juscelino Kubitschek para prestar os serviços facilitaram a entrada do pioneiro na embaixada. Lá, ele fiscalizava pequenas obras, fazia vistoria em casas e apartamentos para os funcionários recém-chegados e ainda prestava informações aos visitantes estrangeiros, sempre curiosos em relação à construção da nova capital.

Anos depois, o convite de uma construtora canadense o levaria a ocupar o cargo de engenheiro residente, com salários em dólares, na construção da Embaixada do Canadá — como um representante — em Brasília. Entregue a obra, o embaixador o convidou a permanecer por mais um bom tempo na embaixada para cuidar da manutenção do prédio, tamanho era o seu carisma e profissionalismo.

O novo morador a cada dia se impressionava mais com o ritmo de vida na capital e principalmen-

te com a riqueza do cerrado. Foi por meio das escavações do solo que o engenheiro descobriu que não era apenas o céu de Brasília que tinha seus encantos. O chão da cidade escondia pedras de rara beleza que encantavam os olhos dos trabalhadores vindos de outros países e aguçava a curiosidade de Rubens. “Uma vez, durante a execução das fundações de um prédio e em um tubulão (buraco para colocação de coluna) que estava sendo escavado foi encontrada uma formação de cristal de rocha com várias pontas unidas pelas bases. Foi meu primeiro contato com os cristais”, conta.

Durante a fiscalização das obras dos ministérios, Rubens conheceu de perto o trabalho da natureza local, que soube esculpir uma verdadeira relíquia: uma pedra redonda de cascalho em formato de uma bola de futebol, retirada da cachoeira do rio Paranoá. “O francês que trabalhava na impermeabilização das lajes dos ministérios ficou encantado com a pedra e a levou como presente”, relata.

Rubens ainda conta que os funcionários da embaixada americana

ficavam maravilhados com as tais pedras e compravam mesmo sabendo que não passavam de vidros. Todas as gemas eram analisadas minuciosamente por Rubens e o amigo Ugo Buresti, que chegou a comprar uma *balancinha* de precisão para pesar as semijóias.

A todo momento, o pioneiro se surpreendia com as espécies raras nativas do cerrado. Por várias vezes, ele se deparou com veados e seriemas quando ia para o trabalho. Era do cerrado também que o casal Rubens e Beatriz — eles se casaram um mês depois da inauguração de Brasília — buscava as espécies mais exóticas de flores e folhas para fazer o arranjo da decoração da casa.

Outra diversão do casal nos finais de semana era passear no aeroporto e no Brasília Palace Hotel, lugares onde as pessoas costumavam se encontrar. “Às vezes íamos passear na cachoeira onde hoje é a Barragem do Paranoá”, recorda saudoso o antigo morador da Vila Planalto.

Hoje, o pioneiro dedica boa parte do tempo às artes plásticas e à família — a esposa Beatriz e os cinco filhos.

## Raio X

**Nome:** Rubens Milton Pinto  
**Idade:** 71 anos  
**Origem:** Pouso Alegre, Minas Gerais  
**Ano de chegada a Brasília:** 1959  
**Profissão:** Engenheiro  
**Esposa:** Beatriz Tereza Rodrigues Maia  
**Filhos:** Luciano, Renata, Isabela, Adriana e Marcelo  
**Netas:** Bárbara, Juliana, Alessandra, Camila, Fernanda, Júlia e Sofia